

1. (Enem digital)



PARA TER UMA SOCIEDADE JUSTA,
VOCÊ PRECISA APENAS MOVER UM DEDO.

Nessas eleições, anule qualquer tipo de dúvida sobre candidatos ou propostas. Confirme seus direitos de cidadão e informe-se. No mês de setembro, você acompanhará matérias sobre a disputa pela Prefeitura e Câmara de Vereadores. Não deixe nada passar em branco e vote consciente.

Disponível em: www.ricmais.com.br. Acesso em: 10 nov. 2011 (adaptado).

De acordo com as intenções comunicativas e os recursos linguísticos que se destacam, determinadas funções são atribuídas à linguagem. A função que predomina nesse texto é a conativa, uma vez que ele

- atua sobre o interlocutor, procurando convencê-lo a realizar sua escolha de maneira consciente.
- coloca em evidência o canal de comunicação pelo uso das palavras “corrige” e “confirma”.
- privilegia o texto verbal, de base informativa, em detrimento do texto não verbal.
- usa a imagem como único recurso para interagir com o público a que se destina.
- evidencia as emoções do enunciador ao usar a imagem de uma criança.

2. (Pucgo Medicina) Leia o texto a seguir, considerando o emprego das linguagens verbal e não verbal:



(BECK, Alexandre. *Armandinho*. Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/>. Acesso em: 20 out. 2021.)

Alexandre Beck, na construção de sua tirinha, tendo em vista a intencionalidade de sua mensagem, utiliza recursos linguísticos que evidenciam uma função de linguagem. O autor reforça a presença da função (marque a única alternativa correta)

- apelativa, pois o objetivo do emissor é persuadir seu interlocutor sobre a dificuldade de escrever histórias em quadrinhos.
- emotiva, pois o emissor coloca em evidência suas emoções em relação à composição de quadrinhos.
- poética, o texto verbal aborda os elementos estéticos da composição de histórias em quadrinhos.
- metalinguística, pois o personagem tece comentários sobre a construção do gênero textual quadrinhos.



3. (Unichristus - Medicina) O “PAI DOS BURROS” AGORA É ELETRÔNICO

Ela ia passando na Rua 1º de Março, no centro do Rio, quando, “plaft”, um dicionário, jogado lá do alto, estalou na calçada, pertinho dela. A mulher registrou queixa na secretaria do edifício.

Depois do Acordo Ortográfico, os dicionários estão na ordem do dia. Fiz uma crônica sobre o assunto, e Rogério Frota Melzi, diretor de Operações da Estácio, como sempre irônico e bem-humorado (bem-humorado não perdeu o hífen), lembrou que o estrago seria menor se a edição atirada pela janela fosse a eletrônica. De fato, faz diferença receber um CD ou um volume de milhares de páginas na cabeça. Disse a ele que era um bom mote para uma nova crônica. Afinal, o “pai dos burros” perdeu os dois hifens e agora é também eletrônico. Já hífen, no singular, tem acento, mas hifens, no plural, não!

SILVA, Deonísio da Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br>. Acesso em: 28 jan. 2022 (adaptado).

Determinadas funções são atribuídas à linguagem consoante as intenções comunicativas. Nesse texto, predomina a função

- a) fática.
- b) conativa.
- c) emotiva.
- d) poética.
- e) metalinguística.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Rios sem discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

João Cabral de Melo Neto. A educação pela pedra.

4. (Fuvest-Ete) No texto, predominam as seguintes funções da linguagem:

- a) fática e referencial.
- b) referencial e conativa.
- c) metalinguística e poética.
- d) poética e conativa.
- e) metalinguística e fática.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

Leia a crônica “Elegia do Guandu”, de Carlos Drummond de Andrade, publicada originalmente em 2 de novembro de 1974.

E se reverenciássemos neste 2 de novembro os mortos do Guandu, que descem a correnteza, a caminho do mar – o mar que eles não alcançam, pois encalham na areia das margens, e os urubus os devoram?

Perdoai se apresento matéria tão feia, em dia de flores consagradas aos mortos queridos. Estes não são amados de ninguém, ou são de mínima gente. Seus corpos, não há quem os reclame, de medo ou seja lá pelo que for.

Se algum deles tem sorte de derivar pela restinga da Marambaia e ali é recolhido por pescadores – ah, peixe menos desejado – ganha sepultura anônima, que a piedade dos humildes providencia. Mas não é prudente pescar mortos do Guandu: há sempre a perspectiva de interrogatórios que fazem perder o dia de trabalho, às vezes mais do que isso: a liberdade, que se confisca aos suspeitos e aos que explicam mal suas pescarias macabras.

São marginais caçados pela polícia ou por outros marginais, são suicidas, são acidentados? Difícil classificá-los, se não trazem a marca registrada dos trucidadores ou estes sinais: mãos amarradas, amarrado de vários corpos, pesos amarrados aos pés. Estes últimos são mortos fáceis de catalogar, embora só se lhes vejam as cabeças em rodopio à flor d’água, mas os que vêm boiando e





fluindo, fluindo e boiando, em sonho aquático deslizante, estes desesperaram da vida, ou a vida lhes faltou de surpresa?

Os mortos vão passando, procissão falhada. Eis desce o rio um lote de seis, uns aos outros ligados pela corda fraternizante. É espetáculo para se ver da janela de moradores de Itaguaí, assistentes ribeirinhos de novela de espaçados capítulos. Ver e não contar. Ver e guardar para conversas íntimas:

– Ontem, na tintura da madrugada, passaram três *garrafinhas*. Eu vi, chamei a Teresa pra espiar também...

Garrafinhas chamam-se eles, os trucidados com chumbo aos pés, e não mais como ficou escrito em livros de cartório. O *garrafinha* nº 1 não é diferente do *garrafinha* nº 2 ou 3. Foram todos nivelados pelo Guandu. Como frascos vazios, de pequeno porte e nenhuma importância, lá vão rio abaixo, Nova Iguaçu abaixo, rumo do esquecimento das garrafas e dos crimes que cometeram ou não cometeram, ou dos crimes que neles foram cometidos.

[...]

O Guandu não responde a inquéritos nem a repórteres. Não distingue, carrega. Não comenta, não julga, não reclama se lhe corrompem as águas; transporta. Em sua impessoalidade serve a desígnios vários, favorece a vida que quer se desembaraçar da morte, facilita a morte que quer se libertar da vida. Pela justiça sumária, pelo absurdo, pelo desespero.

Mas não é ao Guandu que cabe dedicar uma elegia, é aos mortos do Guandu, nos quais ninguém pensa no dia de pensar os e nos mortos. Os criminosos, os não criminosos, os que se destruíram, os que resvalaram. Mortos sem sepultura e sem lembrança. Trágicos e apagados deslizantes na correnteza. Passageiros do Guandu, apenas e afinal.

(Carlos Drummond de Andrade. *Os dias lindos*, 2013.)

5. (Unesp) O cronista dirige-se explicitamente a seu leitor no trecho:

- a) “São marginais caçados pela polícia ou por outros marginais, são suicidas, são acidentados?” (4º parágrafo)
- b) “Perdoai se apresento matéria tão feia, em dia de flores consagradas aos mortos queridos.” (2º parágrafo)
- c) “– Ontem, na tintura da madrugada, passaram três *garrafinhas*. Eu vi, chamei a Teresa pra espiar também...” (6º parágrafo)
- d) “Não comenta, não julga, não reclama se lhe corrompem as águas; transporta.” (8º parágrafo)
- e) “Mas não é ao Guandu que cabe dedicar uma elegia, é aos mortos do Guandu, nos quais ninguém pensa no dia de pensar os e nos mortos.” (9º parágrafo)

6. (Enem PPL) **Anatomia**

Qual a matéria do poema?

A fúria do tempo com suas unhas e algemas?

Qual a semente do poema?

A fornalha da alma com os seus divinos dilemas?

Qual a paisagem do poema?

A selva da língua com suas feras e fonemas?

Qual o destino do poema?

O poço da página com suas pedras e gemas?

Qual o sentido do poema?

O sol da semântica com suas sombras pequenas?

Qual a pátria do poema?

O caos da vida e a vida apenas?

CAETANO, A. Disponível em: www.antoniomiranda.com.br. Acesso em: 27 set 2013 (fragmento).

Além da função poética, predomina no poema a função metalinguística, evidenciada

- a) pelo uso de repetidas perguntas retóricas.
- b) pelas dúvidas que inquietam o eu lírico.
- c) pelos usos que se fazem das figuras de linguagem.
- d) pelo fato de o poema falar de si mesmo como linguagem.
- e) pela prevalência do sentido poético como inquietação existencial.

7. (Enem) **Estojo escolar**

Rio de Janeiro – Noite dessas, ciscando num desses canais a cabo, vi uns caras oferecendo maravilhas eletrônicas, bastava telefonar e eu receberia um notebook capaz de me ajudar a fabricar um navio, uma estação espacial.

[...] Como pretendo viajar esses dias, habilitei-me a comprar aquilo que os caras anunciavam como o top do top em matéria de computador portátil.





No sábado, recebi um embrulho complicado que necessitava de um manual de instruções para ser aberto.

[...] De repente, como vem acontecendo nos últimos tempos, houve um corte na memória e vi diante de mim o meu primeiro estojo escolar. Tinha 5 anos e ia para o jardim de infância.

Era uma caixinha comprida, envernizada, com uma tampa que corria nas bordas do corpo principal. Dentro, arrumados em divisões, havia lápis coloridos, um apontador, uma lapiseira cromada, uma régua de 20 cm e uma borracha para apagar meus erros.

[...] Da caixinha vinha um cheiro gostoso, cheiro que nunca esqueci e que me tonteava de prazer. [...]

O notebook que agora abro é negro e, em matéria de cheiro, é abominável. Cheira vilmente a telefone celular, a cabine de avião, a aparelho de ultrassonografia onde outro dia uma moça veio ver como sou por dentro. Acho que piorei de estojo e de vida.

CONY, C. H. *Crônicas para ler na escola*. São Paulo: Objetiva, 2009 (adaptado).

No texto, há marcas da função da linguagem que nele predomina. Essas marcas são responsáveis por colocar em foco o(a)

- a) mensagem, elevando-a à categoria de objeto estético do mundo das artes.
- b) código, transformando a linguagem utilizada no texto na própria temática abordada.
- c) contexto, fazendo das informações presentes no texto seu aspecto essencial.
- d) enunciador, buscando expressar sua atitude em relação ao conteúdo do enunciado.
- e) interlocutor, considerando-o responsável pelo direcionamento dado à narrativa pelo enunciador.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO:

A CADEIRINHA

Naquele fundo de sacristia, escondida ou arredada como se fora uma imagem quebrada cuja ausência do altar o decoro do culto exige, encontrei a cadeirinha azul, forrada de damasco cor de ouro velho. Na frente e no fundo, dois pequenos painéis pintados em madeira com traços finos e expressivos. Representava cada qual uma dama do antigo regime. A da frente, vestida de seda branca, contrastava a alvura do vestido e o ténue colorido da pele com o negrume dos cabelos repuxados em trunfa alta e o vivo carmim dos lábios; tinha um ar desdenhoso e fatigado de fidalga elegante para quem os requintes da etiqueta e galanteios dos salões são já coisas velhas e comezinhas. A outra, mais antiga ainda, trazia as melenas em cachos artísticos sobre as fontes e as pequeninas orelhas; um leque de marfim semiaberto comprimia-lhe os lábios rebeldes que queriam expandir-se num riso franco; os olhos grandes e negros tinham mais paixão e mais alma. Esta contemporânea de La Vallière, que o artista anônimo perpetuou na madeira da cadeirinha, não se parecia muito com aquela meiga vítima da régia concupiscência; ao contrário, um certo arregaçado das narinas, uma ponta de ironia que lhe voejava na comissura da boca breve e enérgica – tudo isso mostrava estar ali naquele painel representada uma mulher meridional, ardente e vivaz, pronta ao amor apaixonado ou à luta odienta. [...]

Sem querer acrescentar mais ao já dito sobre as damas, perguntava de mim para mim se o pintor do século passado, ao traçar com tanta correção e finura os dois retratos de mulher, transmitindo-lhes em cada cabelo do pincel uma chama de vida, não estaria realmente diante de dois espécimens raros de filhas de Eva, de duas heroínas que por serem de comédia ou de ópera nem por isso deixam de o ser da vida real?

– Quem sabe se a Fontagens e a Montespern?

– Qual! Impossível!

– Impossível? não! Porque a cadeirinha podia perfeitamente ter sido pintada em França e era até mais natural crê-lo; porquanto a finura das tintas e a correção dos traços pareciam indicar um artista das grandes cortes da época.

E assim, em tais conjeturas pus-me a examinar mais detidamente o velho e delicado veículo, relíquia do século passado, sobrevivendo não sei por que na sacristia da igreja de um modesto arraial mineiro. Os varais, conformes à moda bizarra do tempo, terminavam em cabeças de dragões com as faces abertas e sanguentas e os olhos com uma expressão de ferocidade estúpida. O forro de cima formava um pequeno docel de torno senhorial; e o ouro velho do damasco que alcatifava também os dois assentos fronteiros não tem igual nas casas de modas de agora.

Qual das matronas de Ouro Preto, ou das cidades que como esta alcançam mais de um século, não terá visto, ou pelo menos ouvido falar com insistência, quando meninas, nas cadeirinhas conduzidas por lacaios de libré, onde as moçoilas e as damas de outrora se faziam delicadamente transportar?

Quem não fará reviver na imaginação uma das cenas galantes da cortesia antiga em que, através da portinhola cortada de caprichosos lavares de talha, passava um rostozinho enrubescido e dois olhos de veludo a pousarem de leve sobre o cavalheiro de espadim com quem a misteriosa dama cruzava na passagem?

Também, ó pobre cadeirinha, lá terias o teu dia de caiporisnio: havia de chegar a hora em que, em vez dos saltos vermelhos de um sapatinho de cetim calçando um pezinho delicado, teu fundo fosse calcado pela chanca esparramada de alguma cetácea obesa e tabaquista. [...]

Nem foram desses os teus piores dias, ó saudosa cadeirinha! Já pelos anos de tua velhice, quando, como agora, sobrevivias ao teu belo tempo passado, quando, perdidos teus antigos donos, alguém se lembrou de carregar-te para a sacristia da igreja, não te davam outro serviço que não o de transportares, como esquife, cadáveres de anjinhos pobres ao cemitério, ou semelhante às macas das ambulâncias militares, o de conduzires ao hospital feridos ou enfermos desvalidos.

Que cruel vingança não toma aquela época longínqua por lhe teres sobrevivido! Coisa inteiramente fora da moda, o contraste flagrante que formas com o mundo circundante é uma prova evidente de tua próxima eliminação, ó velha cadeirinha dos tempos mortos!

Mas é assim a vida: as espécies, como os indivíduos, vão desaparecendo ou se transformando em outras espécies e em outros indivíduos mais perfeitos, mais complicados, mais aptos para o meio atual, porém muito menos grandiosos que os passados. Que figura faria o elefante de hoje, resto exótico da fauna terciária, ao lado do megatério? A de um filhote deste. E, no entanto, bem cedo, talvez nos nossos dias, desaparecerá o elefante, por já estar em desarmonia com a fauna atual, por constituir já aquele





doloroso contraste de que falamos acima e que é o primeiro sintoma da próxima eliminação do grande paquiderme. Parece que o progresso marcha para a dispersão, a desagregação e o formigamento. Um grande organismo tomba e se decompõe e vai formar uma Inumerável quantidade de seres ávidos de vida. A morte, essa grande ilusão humana, o início daquela dispersão, ou antes a fonte de muitas vidas. E que grande consoladora!

Lembra-me ter visto, há tempos, um octogenário de passo trôpego e cara rapada passeando em trajes domingueiros a pedir uma carícia ao sol. Dirigi-lhe a palavra e detivemo-nos largo espaço a falar dos costumes, das coisas e dos homens de outro tempo. Nisso surpreendeu-nos um magote de garotos que escaramuçou o velho a vaias. O pobre do ancião já ia seguindo seu caminho quando o abordou a meninada; não apressou o passo nem perdeu aquela serenidade de quem já tinha domado as fúrias das paixões com o vencer os anos. Vi-o ainda voltar-se com o rosto engelhado numa risada tristíssima, a comprida japona abanando ao vento e dizer, em tom de convicção profunda: “Ai dos velhos, se não fosse a morte!” Parecia uma banalidade, mas não era senão o apelo supremo, a prece fervente que esse exilado fazia a Deus para que pusesse termo ao seu exílio, onde ele estava fora dos seus amigos, dos seus costumes, de tudo quanto lhe podia falar ao coração. [...]

Por que, pois, a pobre cadeirinha, esse mimo de graça, esse traste casquilho, essa fiel companheira da vida de sociedade, da vida palaciana, da vida de corte com seus apuros e suas intrigas, suas vinganças pequeninas, seus amores, todavia sobrevive e por que a não pôs em pedaços um braço robusto empunhando um machado benfazejo? Ao menos evitaria esse dolorosíssimo ridículo, essa exposição indecorosa de nudez de velha!

Já tiveste dias de glória, cadeirinha de outros tempos! Pois bem: desaparece agora, vai ao fogo e pede que te reduza a cinzas! É mil vezes preferível a essa decadência em que te achas e até mesmo à hipótese mais lisonjeira de te perpetuarem num museu. Deves preferir a paz do aniquilamento à glória de figurares numa coleção de objetos antigos, exposta à curiosidade dos papalvos e às lorpas considerações dos burgueses, mofada e tristonha. Morre, desaparece, que talvez – por que não? – a tua dona mais gentil, aquela para quem tuas alcatifas tinham mais delicada carícia ao receber-lhe o corpinho mimoso, aquela que recendia um perfume longínquo de roseira do Chiraz te conduza para alguma região ideal, dourada e fugidia, inacessível aos homens... [...].

ARINOS, Affonso. *Pelo Sertão*. Minas Gerais: Itatiaia, 1981. (Texto adaptado)

8. (Esc. Naval) Marque a opção que apresenta a função de linguagem predominante no último parágrafo do texto.

- a) Conativa.
- b) Referencial.
- c) Emotiva.
- d) Fática.
- e) Metalinguística.

9. (Enem) *Vou-me embora p’ra Pasárgada* foi o poema de mais longa gestação em toda a minha obra. Vi pela primeira vez esse nome Pasárgada quando tinha os meus dezesseis anos e foi num autor grego. [...] Esse nome de Pasárgada, que significa “campo dos persas” ou “tesouro dos persas”, suscitou na minha imaginação uma paisagem fabulosa, um país de delícias, como o de *L’invitation au Voyage*, de Baudelaire. Mais de vinte anos depois, quando eu morava só na minha casa da Rua do Curvelo, num momento de fundo desânimo, da mais aguda sensação de tudo o que eu não tinha feito em minha vida por motivo da doença, saltou-me de súbito do subconsciente este grito estapafúrdio: “Vou-me embora p’ra Pasárgada!” Senti na redondilha a primeira célula de um poema, e tentei realizá-lo, mas fracassei. Alguns anos depois, em idênticas circunstâncias de desalento e tédio, me ocorreu o mesmo desabafo de evasão da “vida besta”. Desta vez o poema saiu sem esforço como se já estivesse pronto dentro de mim. Gosto desse poema porque vejo nele, em escorço, toda a minha vida; [...] Não sou arquiteto, como meu pai desejava, não fiz nenhuma casa, mas reconstruí e “não de uma forma imperfeita neste mundo de aparências”, uma cidade ilustre, que hoje não é mais a Pasárgada de Ciro, e sim a “minha” Pasárgada.

BANDEIRA, M. *Itinerário da Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984

Os processos de interação comunicativa preveem a presença ativa de múltiplos elementos da comunicação, entre os quais se destacam as funções da linguagem. Nesse fragmento, a função da linguagem predominante é

- a) emotiva, porque o poeta expõe os sentimentos de angústia que o levaram à criação poética.
- b) referencial, porque o texto informa sobre a origem do nome empregado em um famoso poema de Bandeira.
- c) metalinguística, porque o poeta tece comentários sobre a gênese e o processo de escrita de um de seus poemas.
- d) poética, porque o texto aborda os elementos estéticos de um dos poemas mais conhecidos de Bandeira.
- e) apelativa, porque o poeta tenta convencer os leitores sobre sua dificuldade de compor um poema.



10. (Enem digital)

CAPOTAR
Só se for na cama

DIRIJA COM UM ÚNICO SENTIDO: VIVER. PEGUE A ESTRADA COM CONSCIÊNCIA

Motorista que dirige cansado ou sob efeito de medicamento acaba dormindo onde não deve: na direção. Antes de pegar a estrada, durma bem e lembre-se: o sonho mais bonito é a própria vida.

Disponível em: www.comunicaquemuda.com.br. Acesso em: 9 dez. 2017.

A fim de contribuir para a diminuição do número de acidentes de trânsito, essa campanha

- a) proíbe o uso de remédios para evitar o sono na direção.
- b) dá dicas aos motoristas sobre diminuição do cansaço físico.
- c) apresenta a capotagem como consequência da direção perigosa.
- d) atribui ao motorista a responsabilidade pela segurança no trânsito.
- e) conscientiza o motorista sobre a necessidade de controle da velocidade nas estradas.

Gabarito:

Resposta da questão 1:

[A]

A função conativa, predominante no texto, caracteriza-se pelo uso de verbos no imperativo (“corrigir”, “confirmar”, “anular”, “informar-se”, “não deixar”, “votar”) e pelo uso de pronomes em 2ª. pessoa com a intenção de se dirigir diretamente ao interlocutor, procurando convencê-lo a realizar sua escolha de maneira consciente, como se afirma em [A].

Resposta da questão 2:

[D]

Determina-se que há presença de função metalinguística quando a mensagem (o texto) tem como objetivo falar sobre a própria linguagem em uso. Assim, ao produzir uma tirinha em que as personagens abordam a produção de quadrinhos e tiras, observa-se a função metalinguística, visto que o texto em quadrinhos busca tratar do gênero textual quadrinhos.

Resposta da questão 3:

[E]

No texto, vemos a função metalinguística, já que se reflete sobre a própria escrita e o processo de escrever textos.

Resposta da questão 4:

[C]

No texto, predominam as funções metalinguística e poética da linguagem. A primeira, porque a mensagem utiliza o próprio código para falar dele mesmo e a segunda, pela forma com que a palavra é trabalhada pelo autor e comunicada de forma atraente e sugestiva para o leitor. Assim, é correta a opção [C].

**Resposta da questão 5:**

[B]

O uso do imperativo afirmativo do verbo perdoar, segunda pessoa do plural, na frase transcrita em [B] é marca indicativa que o cronista se dirige explicitamente a seu leitor: “Perdoai se apresento matéria tão feia, em dia de flores consagradas aos mortos queridos”.

Resposta da questão 6:

[D]

Além da função poética, predomina no poema a função metalinguística, evidenciada no discurso com questionamentos sobre o próprio código, o signo linguístico e a própria estrutura frásica. Ou seja, pelo fato de o poema falar de si mesmo como linguagem, com transcrito em [D].

Resposta da questão 7:

[D]

No texto, predominam marcas da função emotiva da linguagem, função que se estabelece na subjetividade com que a mensagem que é transmitida pelo emissor, através da enunciação de suas emoções e sentimentos. No caso da crônica de Carlos Heitor Cony, o relato da diferença de emoções experimentadas no presente, quando adquire um computador, e as vividas na sua infância, quando se extasiou com o seu primeiro estojo escolar. Assim, é correta a opção [D].

Resposta da questão 8:

[A]

No último parágrafo, vemos o predomínio da função conativa, isto é, apelativa da linguagem. O uso de verbos no imperativo, por exemplo, pode ser apontado como uma marca da intenção do narrador de convencer a “cadeirinha”, caracterizando a função conativa.

Resposta da questão 9:

[C]

É correta a opção [C], pois, ao relatar o processo que deu origem ao poema “Itinerário de Pasárgada”, Manuel Bandeira tece comentários sobre o fazer poético, instaurando a função metalinguística da linguagem no texto.

Resposta da questão 10:

[D]

A função conativa da linguagem está presente na conjugação dos verbos no imperativo, “dirija”, “pegue”, “durma”, “lembre-se”, tendo como objetivo convencer o destinatário da mensagem a seguir as indicações para não adormecer ao volante. Assim, é correta a opção [D], pois a campanha dirige-se diretamente ao motorista, atribuindo-lhe a responsabilidade pela segurança no trânsito.

